

## A QUESTÃO DA ORIGEM DAS LÍNGUAS: ROUSSEAU E HERDER

JOSÉ BORGES NETO  
(UFPR)

*"Um personagem posto em cena por Diderot, no Entretien que se segue ao Rêve de d'Alembert, evoca 'no Jardim do Rei, dentro de uma jaula de vidro, um orangotango que tem o aspecto de um S. João a pregar no deserto'. O cardeal de Polignac, admirando um dia o animal ter-lhe-ia dito: 'fala e eu te batizo...'"*  
(Gusdorf 1970: 7)

### I. INTRODUÇÃO

De todas as abordagens da linguagem humana levadas a efeito pelos filósofos-lingüistas do século XVIII<sup>1</sup>, a abordagem que busca esclarecer a questão da **origem** da linguagem é a mais típica do pensamento setecentista.

Nos séculos anteriores houve também especulações sobre esta questão. Conta a tradição que já no séc. VII a.C., no Egito, tentou-se descobrir qual o povo mais antigo do mundo criando duas ciranças sem nenhum contato lingüístico com qualquer adulto para ver que língua elas falariam<sup>2</sup>. Há relatos também de experiências semelhantes na Idade Média que teriam "comprovado" que o hebraico era a primeira língua<sup>3</sup>.

No século XVIII, no entanto, no contexto do pensamento iluminista, a questão da origem das línguas se reveste de características próprias - não é mais uma questão tratada por um ou por outro diletante, mas torna-se uma questão, se não central,

---

<sup>1</sup> Os estudos lingüísticos no "Século da Luzes" seguiram três vertentes maiores: a vertente especulativa, que teve na elaboração de **Gramáticas Gerais** e na questão da **Origem da Linguagem** seus principais assuntos; a vertente descritiva, com a investigação fonética e com as primeiras descrições de língua "exóticas" feitas por missionários europeus; e a vertente pedagógica, que se ocupou da elaboração de Gramáticas Particulares para uso escolar.

<sup>2</sup> Heródoto (II,2)

<sup>3</sup> Ver Leroy 1971: 44.

importante. Basta ver o grande número de trabalhos, sérios, desenvolvidos por filósofos do porte de Condillac, Vico, Rousseau e Herder sobre o assunto<sup>4</sup>.

Diante disso tudo, parece óbvio que a primeira pergunta a ser respondida neste trabalho indague sobre a razão de ser a origem da linguagem um problema para o filósofo do século XVIII.

## II A ORIGEM DA LINGUAGEM COMO UMA QUESTÃO SETECENTISTA.

Mais do que uma doutrina, o pensamento setecentista caracteriza-se por uma **atitude**. Como diz Kant:

*"A saída do homem da sua minoridade, da qual é ele próprio o responsável. Minoridade, isto é, incapacidade de se servir do seu entendimento sem a direção de outrem, minoridade da qual é ele próprio o responsável, já que a sua causa reside não num defeito do entendimento, mas numa falta de decisão e de coragem de se servir dele sem a direção de outrem. Sapere aude: Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento. Eis aí a divisa do Iluminismo."*

(Kant 1784 - citado apud Desné 1982:73)

O filósofo iluminista ousa caminhar com suas próprias pernas; ele desfaz-se da autoridade da tradição e pensa criticamente a realidade, seja ela a natureza, a sociedade ou o próprio homem.

O pensamento iluminista deve ser visto antes como um **modo** de pensar do que como um **sistema** filosófico de princípios. Contrariamente ao século XVII - o século dos grandes sistemas (Descartes, Leibniz, Spinoza etc.) - o século XVIII, numa síntese entre o racionalismo continental e o empirismo inglês, baseou seu estilo de pensar - seu "método" filosófico - no paradigma metódico da física, inaugurado por Galileu e desenvolvido por Newton. O iluminista parte do **dado** e pergunta-se sobre os **princípios**: estes não podem ser antecipados, mas devem ser encontrados no trabalho de observação e análise do factual. Não temos, entretanto, um pensamento puramente empirista, porque os dados, o factual, mostra-se já organizado por uma **forma**, pelos princípios. Não há como se opor **experiência e pensamento** (dado e princípio; sentido e razão) num dualismo metódico

*Porque lo que se busca, y lo que se presupone como consistencia inquebrantable, es el orden y legalidad absolutos de lo real; esta*

---

<sup>4</sup> Ver Aarsleff 1974.

*legalidad significa que el fáctico, en cuanto tal, no es mero material, no es una masa inconexa de singularidades, sino que muestra en sí una forma que la penetra y domina. Esta forma se nos da en su determinabilidad matemática, en su figuración y articulación según número y medida."*

(Cassirer 1932: 22)

Em outras palavras, a realidade é **racional** e a tarefa do filósofo é a descoberta dessa racionalidade. A **análise** é o método setecentista; a análise é o método pelo qual se chega ao esclarecimento dos princípios, chega-se às luzes. Mas a análise é mais do que o instrumento intelectual do conhecimento físico-matemático, ela é, como diz Cassirer, "el arma necesaria de todo pensamiento en general" (1932: 26). Assim, à descoberta da racionalidade do universo feita por Galileu e por Newton, associa-se a razão humana, como fonte das luzes. O universo é racional, o homem é racional e, racionalmente, pela análise do universo, o homem é capaz de chegar aos princípios constitutivos do universo. A natureza, as instituições humanas e o próprio homem passam a ser concebidos como objetos suscetíveis de análise.

*"O modelo físico-matemático é a demonstração científica da racionalidade do universo e constitui a garantia de que existe uma identidade essencial entre o sujeito e o objeto do conhecimento: a racionalidade é imanente ao mundo e ao homem"*

(Falcon 1986: 39)

Essa concepção de racionalidade geral, no entanto, encontra obstáculos: a desigualdade entre os homens, a diversidade e a desigualdade das sociedades e das línguas precisam ser explicadas racionalmente. É preciso, pois **analisar** a linguagem, a sociedade e o homem para chegar aos princípios. A suposição de uma razão geral e unitária em confronto com os dados de diversidade e de desigualdade força a busca histórica da origem das sociedades e das línguas: o processo **evolutivo**, constitutivo das línguas e das sociedades, dará ao filósofo a necessária unidade na diversidade.

Essa busca das origens, no entanto, tem menos a ver com um levantamento **histórico** (no sentido atual do termo) do processo de desenvolvimento das línguas e das sociedades do que com um processo de conjecturar sobre as condições evolutivas de línguas e sociedades, desde uma origem arbitrária num passado indefinido até um estado de predomínio do racional - o estado das luzes. Assim, é possível, no século XVIII, falar em línguas e em sociedades primitivas; é possível estabelecer graus de desenvolvimento para sociedades e línguas existentes no presente. A "constatação" de línguas e de sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento permite ao filósofo **conjeturar** sobre a linha em que esse desenvolvimento se deu e se dará, sempre na direção das luzes. Assim, fazendo "história", o filósofo pode conjecturar sobre os primórdios. No **Discurso sobre a Desigualdade**, Rousseau afirma o seguinte:

*"Confesso que os acontecimentos que tenho de descrever podendo sobrevir de inúmeros modos, só por conjecturas posso decidir-me na escolha. Mas, além dessas conjecturas posso decidir-me na escolha. Mas, além dessas conjecturas se tornarem verdadeiras razões quando são as mais prováveis que se possam extrair da natureza das coisas e os únicos meios que se possa ter para descobrir a verdade, as conseqüências que eu quero deduzir das minhas conjecturas, por isso não serão conjecturais, porquanto sobre os princípios que acabo de assentar não se poderia estabelecer qualquer outro sistema que me fornecesse os mesmos resultados e do qual pudesse inferir as mesmas conclusões."*  
(Rousseau 1754: 265)

Da análise evolutiva e conjectural deverão resultar, então, certezas sobre a realidade; a evolução, embora conjectural, permitirá a descoberta dos princípios que dão forma aos dados e, em conseqüência, a descoberta do que há de racional nesses mesmos dados.

Esse método de análise evolutiva é usado por Buffon em sua **História Natural**, sobre a qual Desné afirma:

*"Antes de Buffon, o naturalista observava a natureza como se esta tivesse saído das mãos do criador e limitava-se a inventariá-la e a descrevê-la, contentando-se, para explicá-la, em imaginar as causas finais, isto é, as intenções que Deus poderia ter tido ao criar os seres vivos. Estranho a toda preocupação teológica, Buffon não se limita à descrição: ele reúne os fatos para discernir-lhes as causas e descobrir as leis que governam a vida da natureza. Tendo fé no futuro da ciência, pensa que o homem, se ainda não pode compreender tudo, há de alargar incessantemente o campo de seus conhecimentos graças à experiência e ao raciocínio. A natureza pode assim ser duplamente compreendida pela reconstituição de sua história, que explica as formas presentes remontando ao passado (Buffon prende-se particularmente à história da Terra), e pelo conhecimento das leis que regulam essa história."*  
(Desné 1982: 85-86 - os gritos são meus)

Enquanto Galileu e Newton demonstram compreender as leis que regem o mundo físico pela reprodução experimental desse mundo - compreendem porque sabem reconstruir, sabem copiar, sabem chegar à totalidade a partir da combinação das partes e sabem ordenar os seus momentos -, o filósofo só compreenderá a sociedade e a língua reconstruindo sua história e revelando (esclarecendo) as leis que regulam essa história.

Fica claro, então, o porquê da busca da origem das línguas. Essa busca, no entanto, não tem por objetivo a origem das línguas - de fato, não importa saber como o homem começou a falar ou qual foi a primeira língua -, a questão da origem das línguas deve ser entendida como um processo "histórico" de esclarecimento das leis que organizam a linguagem humana, como um processo de esclarecimento das razões da diversidade lingüística constatada, como um processo de explicação da existência de línguas, e de sociedades, em diferentes estágios de desenvolvimento, etc., tudo com o fim de compreender a linguagem humana.

As discussões sobre a origem das línguas no século XVIII prepararam os estudos lingüísticos do século XIX. A descoberta do sânscrito e o conceito de **parentesco lingüístico** racionalizam e dão "cientificidade" à busca da origem. Nesse sentido, a lingüística histórico-comparativa não é muito mais do que um refinamento da lingüística setecentista. Pode-se até dizer que o método comparativo foi construído com a esperança de que, com certo grau de cientificidade e com sólido apoio nos fatos, se pudesse reconstruir "um estado de língua 'primitivo' e alcançar assim as origens da linguagem humana"<sup>5</sup>. É digno de nota o fato de que progressivamente a lingüística histórico-comparativa vai substituindo a noção de evolução, como método de explicação do presente pelo passado, pela noção de história, destacando, assim, o papel da documentação e restringindo as conjecturas.

Passemos agora às respostas que Rousseau e Herder oferecem à questão da origem das línguas.

### III. A ORIGEM DAS LÍNGUAS SEGUNDO ROUSSEAU.

Encontramos a resposta de Rousseau desenvolvida em dois textos: **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens** (1754) e **Ensaio sobre a origem das línguas**, publicado postumamente em 1782.

A tese fundamental de Rousseau é que a língua surge com a socialização do homem: a língua não é natural, mas supõe a sociedade.

Segundo Rousseau, as necessidades físicas separam os homens, enquanto as necessidades morais, as paixões, os aproximam. São estas, então, que dão origem à vida social e, em consequência, à linguagem.

*"Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes. Os frutos não fogem de nossas mãos, é possível nutrir-se com eles sem falar; acossa-se em silêncio a presa que se quer comer; mas, para emocionar um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a*

---

<sup>5</sup> Ver Leroy 1971: 43.

*natureza impõe sinais, gritos e queixumes. Eis as mais antigas palavras inventadas, eis porque as primeiras línguas foram cantadas e apaixonadas antes de serem simples e metódicas"*  
(Rousseau 1782: 170)

A primeira linguagem, então, enquanto fruto das paixões, foi **poesia**. "A princípio só se falou pela poesia, só muito tempo depois é que se tratou de raciocinar", diz Rousseau (1782: 170). O processo de desenvolvimento das línguas, desde a origem poética até o estágio racional do presente, acompanhou o processo de desenvolvimento da sociedade: quanto mais complexa a estrutura social, mais racional a língua.

*"Na medida em que as necessidades crescem, os negócios se complicam, as luzes se expandem, a linguagem muda de caráter. Torna-se mais justa e menos apaixonada, substitui os sentimentos pelas idéias, não fala mais ao coração, senão à razão"*  
(Rousseau 1782: 173)

Um bom critério para estabelecer o estágio de desenvolvimento de um povo é a identificação do tipo de **escrita** que esse povo utiliza. Rousseau reconhece três tipos de escrita: a pintura dos objetos (escrita dos povos selvagens); a representação convencional das palavras e das proposições (escrita dos povos bárbaros); e a escrita alfabética (própria dos povos policiados). A simples presença da escrita, por mais rudimentar que seja, indica progresso do povo que a utiliza na direção do racional, uma vez que a escrita implica numa reificação da língua e, portanto, numa transformação da paixão em idéia. Deste modo, será considerada mais antiga a língua, e mais primitivo o povo, quanto mais grosseira for a escrita.

Mas, Rousseau precisa sofisticar sua hipótese histórica para dar conta dos fatos que o levaram à investigação da origem das línguas: a diversidade lingüística. Rousseau é adepto da teoria poligenética das línguas, teoria que admite a origem independente, em mais de um lugar, das línguas. Nesse sentido, Rousseau distingue dois grupos de línguas, cada qual com seu processo peculiar de surgimento: as **línguas meridionais** e as **línguas setentrionais**.

No sul, a estabilidade climática e a conseqüente estabilidade nas condições de sobrevivência facilitam o isolamento do homem. O encontro dos homens dispersos vai se dar em "pontos de reunião" como, por exemplo, as fontes de água. Nas palavras de Rousseau

*"As moças vinham procurar água para a casa, os moços para dar de beber aos rebanhos. (...) Acostumaram-se gradativamente uns aos outros em esforçando-se para fazer entender-se, aprenderam a explicar-se. Aí deram as primeiras festas - os pés saltavam de*

*alegria, o gesto ardoroso não bastava e a voz o acompanhava com acentuações apaixonadas."*

(1782: 189)

Surgem, assim, ligadas ao prazer, as primeiras sociedades e as primeiras línguas, nas regiões quentes do sul.

No norte, nas regiões frias, o surgimento da linguagem obedece a outras razões. As necessidades de sobrevivência determinadas pelo clima inclemente forçam o homem a reunir-se, mas essa reunião, ao contrário do que ocorre nas regiões quentes, não é ligada ao prazer mas à luta pela vida. "Entre eles a primeira palavra não foi **amai-me**, mas **ajudai-me** (1782: 191).

Das diferenças na origem surgem as diferenças propriamente lingüísticas: as línguas setentrionais, filhas da necessidade, são ásperas, de sons estridentes e articulações fortes, "surdas, rudes, articuladas, gritantes, monótonas". Por outro lado, as línguas meridionais, filhas do prazer, são vivas, sonoras, melodiosas, acentuadas, eloqüentes. As línguas do norte são mais racionais, mais adequadas à prosa, enquanto as línguas do sul são passionais, adequadas à poesia.

As línguas modernas, com suas diferenças, são, segundo Rousseau, o resultado de um longo processo de fusões e de misturas dessa línguas primitivas.

É essa, em poucas palavras, a resposta que Rousseau dá à questão da origem das línguas. Passemos agora à resposta de Herder.

#### IV. A ORIGEM DA LINGUAGEM SEGUNDO HERDER.

Encontramos a resposta de Herder no seu **Ensaio sobre a Origem da Linguagem**, publicado em 1772 e escrito para concorrer ao prêmio oferecido pela Academia de Ciências de Berlim, em 1769, para o melhor ensaio sobre o tema: "Supondo-se o homem abandonado às suas faculdades naturais, poderia ele ter desenvolvido a linguagem? E por que meios teria realizado tal empreendimento?". A solução dada por Herder à questão da origem da linguagem garantiu-lhe o prêmio da Academia.

Herder começa mostrando que os homens e os animais compartilham um tipo de linguagem a que ele chama **linguagem da impressão**. Essa linguagem expressa o sentir e manifesta-se independentemente de qualquer intenção comunicativa: ela é constituída por suspiros, gritos, sonoridades que exprimem "as dolorosas impressões do corpo e as fortes paixões da alma" (1772: 25). Contudo, tal linguagem da impressão **não** é a verdadeira raiz da linguagem humana, que é filha da razão e da sociedade. Numa crítica a Condillac e a Rousseau<sup>6</sup>, Herder afirma:

---

<sup>6</sup> Herder não podia conhecer o **Ensaio** de Rousseau, mas critica sua posição a partir do **Discurso sobre a Desigualdade**, que Herder conhece e cita.

*"Não posso esconder meu espanto perante o fato de haver filósofos, ou seja, pessoas que procuram encontrar conceitos distintos, que tenham podido chegar à idéia de explicar a origem da linguagem humana a partir deste grito da impressão. Ou não será óbvio que a linguagem humana é qualquer coisa de totalmente diferente?"*  
(1772: 38)

Para Herder, Condillac e Rousseau não conseguiram perceber a diferença entre a linguagem animal e a linguagem humana porque não conseguiram perceber a diferença entre o animal e o homem: "o primeiro transformou os animais em homens e o segundo os homens em animais" (1772: 42). É preciso, então, estabelecer claramente essa diferença.

Todo animal, segundo Herder, tem um círculo de atividades ao qual pertence desde o nascimento e no qual permanece por toda a vida até morrer. Quanto menos o círculo, mais fortes os instintos, mais agudos os sentidos e mais específicos os produtos da atividade do animal. O homem, por outro lado, não tem um círculo de atividades como o animal.

*"O homem não tem uma tarefa única face à qual sua ação tenha que permanecer inaperfeiçoável; mas dispõe de espaço livre para se ocupar de muitas coisas e, por isso, para se aperfeiçoar sempre. Nele, os pensamentos não são obra imediata da natureza mas, exatamente por isso, podem ser obra dele mesmo"*  
(1772: 49)

É a **razão** a força do homem. A diferença entre o homem e o animal não pode ser encarada como diferença de grau "antes reside num direcionamento e desdobramento totalmente diferentes de todas as forças" (1772: 49)<sup>7</sup>. O homem não é um animal instintivo, é uma criatura dotada de **reflexão**. E precisamente porque é homem e não animal, tem que possuir a reflexão logo no primeiro momento de sua vida: "a reflexão tem que mostrar-se logo no primeiro pensamento da criança, tal como no inseto se vê desde o princípio que é inseto" (p.52).

---

<sup>7</sup> O que diferencia o homem do animal é a disposição global das forças do homem, entendidas como algo qualitativamente distinto das forças dos animais, e sempre entendidas em sua globalidade. Nas palavras de Herder:

"É o arranjo global de todas as forças humanas, é a economia da natureza sensível e cognitiva, cognitiva e volitiva do homem. Ou mais ainda: é a simples força positiva do pensamento que, ligada a uma organização definida do corpo, recebe no homem o nome de razão, do mesmo modo que nos animais se torna habilidade instintiva, e que no homem é liberdade, enquanto nos animais se converte em instinto."  
(1772: 49)

O homem evidencia a reflexão quando consegue reconhecer propriedades diferenciadoras, quando consegue isolar conceitos. Suponha-se que passe diante do homem uma ovelha: "a alma humana vê, toca, reflete, procura uma característica... e a ovelha solta um balido. Está descoberta a característica. (...) Ah! Tu és aquela que bale!". O homem conhece a ovelha porque a distingue e a nomeia, e no reconhecimento da ovelha está inventada a linguagem humana.

*"Não há aqui organização da boca que possa ser responsável pela constituição da linguagem; porque, ainda que permanecesse mudo toda a vida, era homem, tinha consciência e a linguagem residia-lhe, portanto, na alma! Não há aqui grito da impressão; porque não foi uma máquina dotada de respiração que inventou a linguagem, mas sim uma criatura consciente. Não há na alma nenhum princípio imitativo; a eventual imitação da natureza é apenas um meio para um fim que aqui tem que ser explicado. E menos ainda haverá aqui entendimentos mútuos, convenções arbitrárias e sociais; o selvagem, o solitário na floresta teria tido que inventar a linguagem para si mesmo, ainda que nunca a tivesse levado à fala. Era pois entendimento da alma consigo próprio, entendimento necessário, tal como no homem é necessário o fato de ser homem". (1772: 59)*

A linguagem é, para Herder, um órgão natural do entendimento, "um sentido da alma humana", e, com a razão, constitui a característica específica do gênero humano. Para Herder, "a linguagem constitui o verdadeiro caráter distintivo exterior da nossa espécie, tal como a razão constitui o interior" (p.68). A linguagem, assim, surge com o próprio homem. As línguas, por outro lado, dependem de outros fatores. Herder vai expor sua explicação para "o caminho mais conveniente à possibilidade e à necessidade da invenção da linguagem pelo homem" por meio de quatro leis naturais:

#### **IV.1. PRIMEIRA LEI NATURAL**

*"O homem é um ser em atividade, que pensa livremente, e cujas forças atuam em progressão; por isso é uma criatura de linguagem!" (p.117)*

O homem apresenta, como parte de sua natureza, a capacidade de reflexão, por isso, tem condições de desenvolver-se. O homem nada aprende só para o momento presente; tudo o que aprende é remetido "ou para o que já sabia ou para o que prevê que possa vir a ligar com o que agora aprende" (p.122), e é nisto que consiste a sua reflexão. A reflexão pode ser vista como uma cadeia de transformações em que cada pensamento surge dos anteriores e preparam os seguintes; uma cadeia sempre em

desenvolvimento, sempre em progresso; uma cadeia sempre em desenvolvimento, sempre em progresso; uma cadeia que se prolonga até a morte e que nos impede de considerarmos o homem, em momento algum, um ser completo. Essa "abertura", essa liberdade humana, essa inexistência de limites é o que distingue o homem do animal.

Essa capacidade de reflexão tem que ser entendida de forma globalizante, em Herder. Como a reflexão incorpora, de forma indissociável **razão, consciência, linguagem** etc., justamente porque reflete, o homem não é animal: é uma criatura de linguagem.

#### IV.2. SEGUNDA LEI NATURAL:

*"O homem é por vocação uma criatura gregária, social. O desenvolvimento progressivo de uma língua é-lhe, pois, natural, essencial, necessário." (p.134)*

Segundo Herder, o homem vem ao mundo fraco e desprotegido como nenhum outro animal para que "possa gozar de uma educação" e para que, em virtude dessa educação, o gênero humano "possa tornar-se um todo intimamente ligado" (p.136). Em outras palavras, o indivíduo é fraco para que o gênero humano seja forte, e essa força surge da educação.

A educação do indivíduo se dá, fundamentalmente, no seio da família e com as idéias e a linguagem dos pais. A reflexão do indivíduo humano toma como ponto de partida os pensamentos dos pais. Isso cria uma espécie de "maneira de pensar, e de falar, da família"- um "gênio" ou "espírito" da família. Para Herder, "a formação progressiva da instrução humana por intermédio do espírito da família... é também formação progressiva da linguagem" (p.137), ou seja, a linguagem, no processo educativo, progride. A linguagem é natural no homem - em cada homem - e, ao mesmo tempo é adquirida. Como diz Herder:

*"Os pais nunca ensinam a língua aos filhos sem que estes a inventem sempre por si próprios. Aqueles limitam-se a chamar a atenção destes para diferenças das coisas por meio de certos sinais verbais e, deste modo, não se substituem ao uso da razão pela criança, antes lhe facilitam esse uso e lho entregam com a linguagem". (p.62.)*

#### IV.3.TERCEIRA LEI NATURAL:

*"Tal como o gênero humano na sua globalidade não podia continuar a ser uma só horda, também não podia permanecer com uma só língua. Assiste-se, assim, à constituição de diferentes línguas nacionais." (p.146)*

O homem, ao contrário do animal, não fica restrito a um território, mas é habitante do planeta. E sua linguagem também é linguagem do planeta e "há de ser uma nova língua em cada novo mundo, língua nacional em cada nação" (p.150). "**A linguagem é um Proteu sobre a superfície curva do planeta**" (p.150).

As razões para esta diversidade encontram-se tanto na impossibilidade de uniformização da **pronúncia** (a estrutura dos órgãos fonadores, os hábitos individuais etc., vão impedir que dois homens quaisquer falem uma só língua) quanto nas diferenciações das famílias e de seus processos educativos. Na medida em que a língua passa a ser "o sinal verbal do grupo, o laço da família, o instrumento da instrução, o canto heróico dos feitos dos antepassados, a sua própria voz vinda dos túmulos" (p.154), ela torna-se propriedade da família e distintivo da família no conjunto dos homens. Ela jamais será compartilhada com quem, de alguma forma, for considerado um inimigo da família. A oposição, então, entre as famílias, ou grupos de famílias, cria uma espécie de "consciência natural" que desemboca nas **línguas nacionais**, que mais do que apenas modos distintos de falar, são também modos distintos de ver o mundo, de refletir. Nas palavras de Herder:

*"O fundamento da diversidade, entre pequenos povos vizinhos, quanto à língua, quanto ao modo de pensar e à forma de vida, reside no ódio entre as famílias e entre as nações"* (p.152)

#### IV.4. QUARTA LEI NATURAL:

*"Tal como o gênero humano, segundo toda a probabilidade, se foi constituindo progressivamente como um todo, duma só origem, para uma grande família, o mesmo se passou com todas as línguas e, portanto, com toda a cadeia da formação."* (p.156)

Como pode-se ver, Herder é adepto da **monogenia**: a humanidade é uma só porque tem um origem única e assim também a linguagem.

*"Se os homens fossem animais diferentes segundo a nação a que pertencem, se cada um tivesse inventado por si a sua língua, separadamente, em total independência dos outros, então as línguas apresentariam uma heterogeneidade como a que talvez exista entre os habitantes da Terra e dos de Saturno. E contudo é evidente que em nós tudo parte dum só fundamento. Dum só fundamento, e não apenas no que diz respeito à forma mas também no que respeita ao verdadeiro percurso do espírito humano,. De fato, entre todos os povos da Terra a gramática está construída quase do mesmo modo."* (p.161)

Herder vai dizer que não se pode negar o **parentesco** fundamental das línguas e relacionando-as ao gênero humano novamente vai mostrar que a dispersão dos homens, com a criação de inúmeras nações, determinou a diversificação das línguas.

## V. ROUSSEAU E HERDER

Feita esta apresentação, em linhas gerais, das duas hipóteses sobre a origem da linguagem, cabe-nos agora fazer um breve comentário comparativo sobre elas.

A primeira coisa a dizer é que ambas as propostas baseiam-se em concepções distintas de **homem**, de **sociedade** e de **língua**, concepções que ainda em nossos dias fundamentam propostas de explicação do fenômeno lingüístico.

Para Rousseau, o **homem natural** é fundamentalmente solitário: o homem não é naturalmente sociável e sua eventual associação é "obra dos acidentes da natureza". A língua, não obstante, é fruto da vida social. Logo, para Rousseau, podemos imaginar um momento na evolução do homem em que ele já se distingue do animal - é homem - mas ainda não possui linguagem. Rousseau vai, então, buscar a **origem** da linguagem naquele ponto em que as condições de vida social são tais que o homem, de um ser não falante, torna-se um ser falante. Rousseau vê a língua como **convenção** determinada pelas necessidades da vida social e, assim, liga-se à corrente de pensamento lingüístico, que podemos denominar **convencionalismo**, que inclui, entre outros, Saussure, Searle.

Herder, por outro lado, considera o homem **naturalmente gregário**. considera impossível o isolamento do homem primitivo, tal como o conhece Rousseau (e Hobbes). A linguagem, para Herder, não supõe a vida social, embora o homem seja um ser social desde o início<sup>8</sup>. A linguagem supõe a razão e a razão supõe a linguagem; linguagem e razão, indissociáveis, caracterizam o gênero humano. Assim, só há homem, oposto ao animal, quando há linguagem. Herder não pode mais buscar a origem da linguagem do mesmo modo que Rousseau. Para Herder, a origem a ser buscada está nas **condições** necessárias e suficientes para a formação da linguagem **no indivíduo**, condições que devem ser entendidas como **tipos constantes**, presentes tanto nos primeiros homens como nos homens atuais. A história da linguagem, então, não é uma continuidade de acontecimentos, de etapas sucessivas no tempo, que levam o homem de um estágio de linguagem primitiva a um estágio de linguagem racional, mas um percurso de complexificação crescente da linguagem em que cada estágio se enriquece dos estágios anteriores e prepara os estágios seguintes **dando continuidade às formas do tipo originário**. Embora em constante mudança, a linguagem é sempre fundamentalmente a mesma, sua **forma** é constante. Para Herder a linguagem não é

---

<sup>8</sup> A questão é fundamentalmente metodológica. Não é que a vida social seja irrelevante para o desenvolvimento da linguagem; o que Herder quer é a compreensão da natureza da linguagem no seu aspecto "interno", independentemente do seu lado social (externo).

convenção. A linguagem é uma força necessária, sempre presente no homem, **natural** no homem porque o elemento caracterizador do gênero humano. É fácil ver, assim, que Herder liga-se à corrente de pensamento que pode ser chamada de **naturalista** e que conta com seguidores, na atualidade, do porte de Noam Chomsky.

Não é nosso objetivo, neste trabalho, traçar os caminhos, descobrir as filiações ou estabelecer relações fortes entre os nossos dois autores e filósofos/lingüistas contemporâneos. O que eu gostaria de destacar é a atualidade da questão que separa Rousseau de Herder: a linguagem e suas relações com o mundo social e com o mundo mental. Discute-se hoje a natureza da relação entre linguagem e sociedade: é a sociedade que determina a linguagem, como quer Rousseau e como postula, por exemplo, Labov? Ou é a linguagem que determina o social, como afirma Herder e como postulam Sapir e Whorf? Qual a natureza deste objeto **linguagem**? É resultado de processos psicológicos, conforme quer Chomsky (aliado de Herder)? É resultado do processo de socialização do homem, como que Vygotsky (aliado de Rousseau)? Infelizmente, isso tudo ainda se parece com a velha história do ovo e da galinha: não há respostas definitivas. Talvez tudo o que possamos fazer, no atual estágio de nosso conhecimento, seja especular, como Rousseau e Herder fizeram.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- AARSLEFF, H. 1974. The Tradition of Condillac: the problem of the Origin of Language in the Eighteenth Century and the Debate in the Berlin Academy before Herder. In HYMES, D. (org.) **Studies in the History of Linguistics**. Bloomington: Indiana University Press, pp. 93-156.
- CASSIRER, E. 1932. **Filosofia de la Ilustración** (2º ed. em espanhol, México, Fondo de Cultura Económica, 1950, tradução de Eugênio Imaz)
- DESNÉ, R. 1982. A Filosofia Francesa no Século XVIII. In CHÂTELET, F. (dir.) **História da Filosofia**, vol 4 (O Iluminismo). Rio: Zahar.
- FALCON, F.J.C. 1986. **Iluminismo**. São Paulo: Ática (série Princípios)
- GUSDORF, G. 1970. **A Fala**. Porto: Ed. Despertar (Col. Humanitas).
- HERDER, Johann Gottfried. 1772. **Ensaio sobre a Origem da Linguagem**. (Tradução de José M. Justo, Lisboa, Edições Antígona, 1987)
- HERÓTODO. **História** (tradução de Brito Broca, São Paulo, W.M.Jackson Inc. Editores, 1964 - Clássicos Jackson vols. XXIII e XXIV)
- LEROY, M. 1971. **As Grandes Correntes da Lingüística Moderna**. São Paulo: Cultrix.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1754. **Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**. (tradução de Lourdes Santos Machado, São Paulo: Ed. Abril, 1973 - Col. Os Pensadores XXIV, pp. 207-326).
- ..... 1782. **Ensaio sobre a Origem das Línguas no qual se fala da Melodia e da Imitação Musical**. (tradução de Lourdes Santos Machado, São Paulo: Ed. Abril, 1973 - Col. Os Pensadores, vol. XXIV, pp. 153-205.)

